AE-P0025
Publicação: 10/2014

Instituto Semeia: construindo as bases para investimentos de impacto nas unidades de conservação brasileiras

Sérgio G. Lazzarini[1]
Andrea Maria A. F. Minardi
Leandro S. Pongeluppe

DO NOT COPY

Em 13 de agosto de 2013, Ana Luísa, diretora do Instituto Semeia, acabara de chegar ao escritório em São Paulo (SP) e já se deparava com um e-mail de um fundo estrangeiro interessado em investir no projeto de parceria público-privada (PPP) para explorar o potencial turístico das unidades de conversação (UC) da chamada Rota Lund, ao norte de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Representando 18% do território brasileiro, as UC são áreas protegidas pela Lei n. 9.985/2000, por sua biodiversidade, beleza cênica ou importância cultural. Para o Instituto Semeia, muitas dessas áreas teriam potencial para se tornar importantes fontes de desenvolvimento socioeconômico e redução de pobreza. Foz do Iguaçu, Fernando de Noronha e Chapada dos Veadeiros eram os exemplos mais conhecidos dessas UU. Porém, em geral, eram pouco visitadas, pouco conhecidas e pouco integradas com planos de governo, diferentemente do que acontecia em outros países como a África do Sul, os Estados Unidos, a Nova Zelândia e a Costa Rica.

Integralmente financiado pela Anima Investimentos, com o intuito de ser seu braço de filantropia estratégica, o Semeia se constituiu com base no entendimento de que é preciso incluir mais atores na agenda da gestão de UC, particularmente o setor privado,

[1] Agradecemos a assistência de pesquisa de Letícia Neves e o apoio financeiro do Latin America Impact Economy Innovations Fund (Rockefeller Foundation, Avina e Omidyar, em proposta coordenada pelo ICE). Este caso é apenas para fins de discussão em sala de aula: não se propõe julgar decisões gerenciais, nem tampouco deve servir como fonte de dados primários.